Redacção e administração
R. de S. Martinho

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 191

Assinaturas
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 12500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

UMA INSUBORDINAÇÃO

Referem os jornaes do Porto uma grave insubordinação occorrida com soldados de infantaria n.º 18, que foram transferidos d'este regimento para o de infantaria n.º 24, aquartelado em Aveiro.

Poucos dias antes honvera outra insubordinação, na mesma cidade, com soldados de artilheria.

Não nos surprehe o facto. A disciplina chegou a um misero estado no exercito portuguez. Nos quartéis predomina o systema deploravel de deixar correr o marfim, systema de toda a vida publica portugueza, afinal. Chefe militar que se atreva a cumprir, e a fazer cumprir o dever imposto pelo regulamento, soffre dissabores, desconsiderações e contrariedades de toda a ordem.

O que se quer é que não haja novidade. E' o que se pede, é o que se recommenda, textualmente. Que não haja novidade.

Ora o que é preciso, para não haver novidade? Que se transija com todos os maus habitos, que se feche os olhos a todas as irregularidades, que se deixe impunes todas as faltas.

O que se passa a esse respeito nos quartéis é extraordinario, chega mesmo a ser assombroso. Para o demonstrar poderíamos citar mil factos, e não um, que ha muito tempo chegam ao nosso conhecimento. Mas não queremos. Limitamo-nos a soltar o grito de alarme, para que se acante quem se queira acautelar.

Porque a verdade é que ninguém, absolutamente ninguém, ganha com o estado de profunda indisciplina em que vaee calindo novamente o exercito portuguez. Antes, todos perdem com elle, republicanos e monarchicos, militares e paisanos. Todos perdem como nação, porque a nação quer um exercito que a possa defender e não uma horda que na hora do perigo se disperse ou se dissolva. Todos perdem como partido, todos perdem individualmente, porque a arma que lhes poderia servir como elemento d'especulação, se a podessem manejar, é instrumento de dois gumes, ou de fio embotado, quando lhes falte a cohesão que a torne manejavel.

O 31 de janeiro demonstrou-o. A indisciplina que ia matando a monarchia foi a indisciplina que matou os republicanos. Com um exercito disciplinado não seria tão facil aos republicanos arrastar as tropas para a rua. Mas se conseguissem arrasta-las, pôdem ter a certeza de que nem ficariam com ellas a ouvir conselhos no Campo da Regeneração, ou discursos na Praça de D. Pedro, nem as veriam debandar e fugir, no

maior numero, aos primeiros tiros da guarda municipal.

Que não haja novidade. Era já o que se recommendava, era o que se pretendia, era o que se impunha antes do 31 de janeiro. E', novamente, o que se vem recommendando e pretendendo ha tempos.

E não ha novidade. Novidades pequenas, é claro. Novidades que importem o cumprimento elementar do dever. Até que cheguem as novidades grandes. E essas veem, porque não de vir por força. E essas estoiram, porque não de estoimar necessariamente. E estoiram então com estrondo. E estoiram todas ao mesmo tempo, de norte a sul do paiz.

Ahi estão ellas. Começaram em Coimbra. Em Coimbra, sim. O grande mal de Coimbra não veio do mercado, onde surgiram os disturbios. Veio das visinhanças da Sé Velha, onde faltou a capacidade para atalhar o mal a tempo. Alguem haverá que nos perceba. E de Coimbra saltaram immediatamente para o Porto. E no Porto appareceram um dia em S. Bento e logo após em Santo Ovidio. E não admira que appareçam em toda a parte, porque o vulcão vaee desde Melgaço até Santa Maria.

Ahi teem os fructos da mediocridade triumphante.

As mediocridades triumphantes querem agradar ás comadres e aos compadres, ás damas e aos cavalheiros dos seus numerosos conhecimentos. Querem ser paternas com as coterries que os cercam. Promptos a perdoar todas as faltas, a saltar por cima do regulamento, sempre que as coterries intrigam e que as damas e cavalheiros metem requerimento, proclamam com sabedoria que a epocha não está para rigores. E não ha rigores. E impera o relaxamento desenfreado. E todos os pulhas são boas pessoas e ficam impunes, se não incommodam. E todos os que procuram cumprir o seu dever são impertinentes, são insupportaveis, porque incommodam. E porque são impertinentes e porque são insupportaveis, abatem-se, deprimem-se, supprimem se, em ultimo recurso, e supprimem-se mesmo que seja necessario commetter contra elles as maiores iniquidades.

Pois bem. Tanto pretenderam que não houvesse novidade que não de ser abafados á força de não ter havido novidades. Tudo se paga n'este mundo. As mediocridades triumphantes e quem as impõe, haviam de ter a recompensa que mereciam.

Ou nos enganamos muito, ou as recompensas começaram já.

E teriamos, em detalhe, coisas assombrosas a contar se nos quizessemos impôr pelo escauda-

lo. Verdaderamente assombrosas.

Mas não queremos
Sua alma suspirando
Que se governem

A educação que se faz pelo exemplo é mais efficaç que as das boas doutrinas.

A. NEYRAT.

Lêmos no *Progresso de Aveiro* que correu n'esta cidade o boato de que o sr. governador civil substituiria no ministerio da justiça os nomes dos individuos propostos pelo juiz de direito para juizes substitutos.

Esse boato é absolutamente falso, affirma o *Progresso de Aveiro*. O ministro da justiça, accrescenta o collega, não fez mais do que confirmar a proposta que lhe foi feita.

Ora muito estimamos que assim tenha sido, para honra nossa e de Francisco Antonio Pinto. Para honra nossa, porque o louvamos. Para honra d'elle, porque continúa merecendo os nossos louvores.

Mas ha mais. Francisco Antonio Pinto não só propôz juizes substitutos de Aveiro os dois cavalheiros já mencionados como propôz juiz de paz em Eixo o sr. Avelino Dias de Figueiredo, replacing a injustiça que, por influencia de Jayme Lima, diz o *Progresso de Aveiro*, tinha commettido em 1900.

Mais um acto que nobilita o juiz da comarca. Sua excellencia, ao que parece, liberta-se de Mijareias, de Caganfancias, de Tinhosos, de Chieças, de Limas, de todos esses *hyppopotamos* muito mais prejudiciaes para o sr. Pinto que os que sua excellencia caçou em Africa.

Receba sua excellencia os nossos parabens.

CALOTE OFFICIAL

Tem sido ha muito tempo completamente nullo o movimento da barra d'esta cidade. Entrou na segunda-feira uma chalupa, talvez para quebrar a longa monotonia do nosso porto.

A esta crise, vem juntar-se outro gravame não menos amargo, para os pobres pilotos: pois que estão sem receber os seus ordenados ha alguns mezes.

A gente pasma de tanta incuria official, e do comprido jejum d'aquelles funcionarios.

Oh sr. capitão do porto! Se pôde, interceda pela sorte d'aquelles humildes subordinados de v. ex.ª

Ainda hoje não conversamos com o excellentissimo senhor Matoso nem com o excellentissimo senhor Lima.

Não temos pachorra.

Ella virá.

Estejam certos.

Cartas d'Algures

3 DE ABRIL.

Chegou a Lisboa o rei de Inglaterra. Não tenho enthusiasmos para o acclamar, nem indignações para o vituperar.

Admirador da Inglaterra, sou. Ninguém mais do que nós. Ha muitos annos que eu n'esse *Povo de Aveiro* engrandeco a Inglaterra como paiz livre. Admiro o seu grande espirito de emancipação, a sua persistencia e os seus sacrificios para a conquista da sua liberdade. Dos jacobinos modernos fui eu o primeiro a tributar-lhe essa homenagem e a fazer-lhe essa justiça.

Tambem me não repugna a alliança com a Inglaterra. A questão não é de alliança. A questão é de interesses dynasticos e de servilismos. Alliança por alliança, convem-nos mais a alliança ingleza do que outra qualquer. Isto visto com serenidade, fóra de paixões ou de irritações de momento. Uma alliança com a Hespanha não nos daria garantias nenhuma, por motivos varios. E, fóra da Hespanha, nenhuma outra nação se nos offerece, para uma séria alliança, senão a Inglaterra.

Parece, mesmo, tollice que os republicanos se estatfem tanto contra a alliança ingleza, quando é certo que elles terão, fatalmente, de a manter, se triumpharem amanhã. A manha ou depois. Este amanha tem margem muito ampla. E se teem de a manter, gritar agora muito contra ella tem dois inconvenientes: predispôr mal contra elles a Inglaterra e dar um dia um espectáculo de contradicção, que é pouco airoso.

O peor de tudo que ahi vaee é o servilismo, é a falta de caracter. Se os homens que tanto exaltam a Inglaterra lhe imitassem as virtudes nada havia que dizer. Se aproveitassem a alliança ingleza para tirar d'ella o maximo proveito para o paiz, eu, por mim, não hesitaria em os acompanhar. Mas elogiar tanto a Inglaterra e não lhe initar uma unica virtude, é desvergonha e desvergonharevoltante. Mas exaltar a alliança ingleza para servir com ella interesses individuaes ou de familia é outro procedimento pouco digno.

E ahi é que está tudo.

Pretender que a Inglaterra não tire vantagens nenhuma da sua alliança commosco, é absurdo. Claro é que a Inglaterra se aproveita de nós. Mas o que é certo é que se teria contido sempre em certos limites se encontrasse pela sua frente politicos portuguezes habéis e patriotas. E conter-se-ia porque a nossa alliança lhe convém, porque lhe havia de convir mesmo que as colonias não existissem.

Não encontrando deante de si negociadores e politicos dedicados aos interesses da nação, varias vezes abusou, abusa ainda e ha de abusar sempre, como nós abusariamos em circumstancias identicas. Não lhe queremos mal por isso.

Não tenho, pois, enthusiasmos para acclamar o rei de Inglaterra, como chefe d'esta grande nação, pelo aborrecimento que nos causa o espectáculo de hypocrisia que se desenrola aos nossos olhos.

O que se acclama no rei Eduardo não é o representante da nação amiga da liberdade, da nação civilizada e progressiva por excellencia. De modo algum.

Os que mais o acclamam são os que mais teem attentado contra a liberdade nacional, contra o direito patrio, os que mais odeiam o progresso, os que mais profundamente delestam a civilização.

O que se acclama no rei Eduardo é o protector, é o patrão, é a garantia á continuação do regabofe com que se veem regalando os quadrilheiros de todas as côres.

Ora quem ama a patria e liberdade não se pôde confundir com taes especuladores.

Por outro lado, se não tenho enthusiasmos para acclamar o rei de Inglaterra tambem não tenho indignações para o vituperar, porque se é certo que devemos a nação ingleza o *ultimatum* e outras brutalidades de natureza igual, de justiça é confessar-se que a imbecilidade e a canalhice indigena é que attrahiram e provocaram, quasi sempre, esses attentados á nossa integridade e á nossa honra. Qualquer outra nação, no logar da Inglaterra, faria o mesmo.

Tanta complacencia da Inglaterra para commosco leva agua no bico. Não ha duvida. Mas isso só vem em reforço do que estou affirmando.

O que se está passando representa horas de mais para Portugal. O que quer a Inglaterra? Nós não sabemos. Mas os homens das regiões do poder, sabem-no. E contrariam a Inglaterra nos seus propositos? Não. Lambem-lhe as botas. Então que ha de fazer a Inglaterra?

Pretendermos agora que a Inglaterra seja mais amiga de Portugal que os proprios portuguezes, é na verdade, pretender até ao ridiculo.

Ora eis ahi porque eu nem atiro pedras á Inglaterra nem calo de joelhos deante d'ella.

Que o sr. Eduardo VII tenha muita saude, é que mais lhe desejo.

A. B.

— Ninguém deve recear tanto a desgraça como aqulle que se acha elevado á maior altura.

MARICÁ.

DEBATA

Com este titulo começou a publicar-se em Lisboa um novo diario republicano, dirigido pelo nosso presado amigo, o talentoso advogado e jornalista dr. João de Menezes.

Sinceramente lhe desejamos as máximas venturas.

Tempo

Após uns dias de ventania medonha, succedeu o dia de sexta-feira de uma amedida encantadora. E' que geralmente, depois da tempestade, succede sempre a bonança.

— Estimar os animaes indemaisa-nos da necessidade que temos de detestar certos homens.

R. VIAC.

A monarchia portugueza

E O

ANALPHABETISMO

O nosso collega *O Debate* publica um excellentissimo artigo, assinado *Rusticus*, pseudonymo de um devotado apostolo da instrucção, verberando honradamente o odio votado pelo regimen á instrucção do povo.

Odio velho, odio inveterado, que bastaria, só por si, para condemnar as instituições que felizmente nos regem.

E' verdade que os republicanos tambem não tem provado que morrem de amores pela instrucção. Salvo um ou outro, muito isoladamente, o geral d'elles é coisa com que nunca se importaram. Até um dos mais louvados entre elles, a quem chamam *mestre e luminar*, o sr. José Cuidas, já escreveu que não valia a pena instruir o povo.

De fórra que, em boa justiça, não sabemos se a culpa será da monarchia, ou de toda a corja de pedantes que dispõem dos partidos.

Mas, enfim, como a monarchia é que tem as responsabilidades do governo sobre ella recia a culpa principal d'esta vergonha em que nos encontramos.

Segue o magnifico artigo, tão eloquente nas suas estatísticas:

Os paizes que hoje triumpham não são os paizes de ignorantes. São os paizes ilustrados. Os paizes ignorantes são os paizes vencidos. Instruir e educar o povo, devia ser o principal empenho dos governos. Em Portugal a regra é conservar o povo na ignorancia. Para confirmação do que dizemos bastaria citar o que se tem passado com o capitão Homem Christo, constantemente contrariado nas suas tentativas de ensinar a ler os recrutas. Mas nós que queremos citar outro facto e bem grave. O governo acaba de reduzir, no orçamento rectificativo, as despesas com o ensino primario, em 86 contos de réis.

E sabendo que os municipios lutam com enormes difficuldades, vem agravar a situação do contribuinte propondo que se leve a 20 p. c. o actual adicional ás contribuições directas do estado com que as camaras municipais concorrem para o fundo da instrucção primaria, conforme o que dispõe o artigo 57 da lei de 18 de março de 1897.

E' sabido que, das receitas municipais, a primeira verba paga é a dos 15 p. c. para a instrucção, actualmente a cargo do Estado.

Esses addicionaes regulavam por 639 contos, sendo a contribuição directa estimada em 4:260 contos. Na mesma proporção o imposto de 20 p. c. produzirá 852 contos. Assim para o governo reduzir no orçamento 86 contos, é o contribuinte ameaçado com o pagamento de mais 212 contos!

Nas condições angustiosas em que se encontram os desgraçados contribuintes, pôde este supportar o augmento de imposto de 213 contos, sob o illusorio pretexto de que elles serão applicados á instrucção primaria? Quem pretende o governo illudir com semelhante mystificação?

Pois não se sabe, pelas queixas dos municipios, a começar pelo do Porto, que nem cincoenta por cento do fundo pago para a instrucção primaria, são applicados pelo governo ao mencionado fim?

Bem sabemos que sómente á differença e desleixo dos municipios se deve o terem perdido a regalia de dirigirem o ensino. Mas o serviço da instrucção, centralizado no poder executivo, não concorreu para que diminuisse o numero de analphabetos.

A estatística official o demonstra. Alguns exemplos, ao acaso: Na freguezia de Ponteval (Cartaxo) o numero de analphabetos era de

90 por cento para os homens e de 92 por cento para as mulheres, em 1878. Doze annos volvidos, o numero de analphabetos, em 1890, era de 89 p. c. para ambos os sexos.

No censo de 1890, concelho do Fundão (patria do sr. João Franco) está freguezia do Alcaide, com 1:454 habitantes dos quaes 272 apenas sabiam ler e escrever, sendo os analphabetos na proporção de 72 por cento.

No censo de 1900, embora a população do Alcaide diminuisse de 1:454 para 1:312 habitantes, os analphabetos subiram em numero de 68. Sabiam ler e escrever 204 e não sabiam ao menos ler 1:108 habitantes, ou seja 84 p. c.

No mesmo concelho do Fundão e freguezia de Aldeia Nova, encontramos este lamentavel quadro: Pelo censo de 1890, em 892 habitantes sabiam ler e escrever 169. Analphabetos 723 ou 81 por cento. A mesma freguezia, pelo censo de 1900, apresenta nos 956 habitantes, dos quaes apenas sabem ler e escrever 89 (menos 80 que em 1890) e são analphabetos 867, ou 90,6 por cento! Eis o que é, no começo do seculo XX, a instrucção do povo portuguez.

E agora, o governo d'um regimen que se tem incompatibilizado com o paiz, reduz 86 contos nas despesas de instrucção primaria e, sob pretexto de as empregar n'essa instrucção—que não quer, porque lhe convém—vao arrancar á miseria do povo mais 213 contos.

Quem pôde acreditar nos bons propósitos do governo em instruir o povo quando, explorado o contribuinte sob pretexto de concorrer para a instrucção, o *Diario do Governo*, no relatório que precede o Decreto de 1894 confessa: «Foram precisas cinco escolas para dar um alumno approved, o que para cada escola representa a fracção de 0,2 de alumno!»

Mas não queremos, depois de mostrarmos o que é a instrucção no districto de Castello Branco, deixar de referir o que se passa em outro districto, o da Guarda, na Beira Baixa, onde os habitantes—como ha dias afirmavam as *Novidades*—passam fome!

No concelho de Trancoso, freguezia de Sebadelhe da Sella, havia em 1890, 216 mulheres e 181 homens. O numero de analphabetos era, nas mulheres, de 216—isto é, cem por cento!—e nos homens 98 por cento. Isto no anno de 1890, mais favorecido no que respeita a instrucção, que o de 1900.

Que mais será preciso para mostrar que, em Portugal, entre as instituições e a instrucção do povo existe um completo divorcio?

E' que os homens do poder sabem, perfeitamente, que a instrucção do povo é a emancipação do povo. Por isso, para se conservarem, querem a nação ignorante e faminta, a fim de que melhor a possam explorar as oligarchias de Portugal e do Estrangeiro, que nos defraudam e escarnecem.

A redução que o governo faz, agora, no fundo da instrucção primaria, não é a primeira. No orçamento de 1896-1897 era de 244 contos a verba para instrucção primaria, no de 1902-1903, 214:075\$767 e em 1901-1902, de 218:755\$777, portanto menos 4:680\$010 réis. Em compensação, a despesa com a segurança publica (policia e guarda municipal, etc.) era, pelo orçamento de 1901 a 1902 de 917:981\$275 réis e em 1902-1903 passou a ser de 1:013:303\$875 réis, isto é, augmentou 95:322:600 rs.!

Mais um confronto. De 1880 a 1890, em dez annos, o ministerio do reino gastou com a instrucção primaria setecentos e trinta e tres contos quatrocentos e sessenta e quatro mil réis. E nos mesmos dez annos, de 1880 a 1890, o mesmo ministerio do reino gastou com as guardas municipais de Lisboa e Porto, dois mil quatrocentos e quarenta e sete contos quatrocentos e oitenta e quatro mil réis.

Para estabelecermos um paralelo entre Portugal e outro paiz, não iremos agora procurar a Suissa, a gloria republicana. Vamos a dois paizes monarchicos, a Roumania e a Suecia.

Na Roumania, com uma população de 4.038:342 habitantes (menos que em Portugal) consagrou-se, no orga-

mento de 1897 a 1898 uma quantia que, em moeda portugueza sobe a cinco mil trezentos e sessenta e cinco mil novecentos e sessenta e oito réis, para as despesas de instrucção publica.

Outro exemplo: A população da Suecia, inferior á de Portugal, era em 1895 de 4.873:183 habitantes. O numero das suas escolas era de 11:981, das quaes 9:058 fixas e 2:923 ambulantes ou moveis, no genero das que uma associação portugueza, lutando com sacrificios e guerras de toda a ordem, sustenta penosamente.

Pois a Suecia gastou em 1894, só com a instrucção primaria, kroners 15.720:872, isto é, tres mil contos novecentos e trinta mil duzentos e dezolito réis. Isto sem contar o que se gasta nas escolas subsidiadas para os indigentes. Por isso o *Diario do Governo* de 19 de abril de 1897, que não encontrou na Suecia um só analphabeto.

Por isso, a Suecia, a Roumania e todos os paizes mais pequenos que o nosso triumpham e progredem. E Portugal, cada vez retrograda mais. Africanisa-se dia para dia, e, por isso, o povo de africanos é tratado por aqueles que o exploram e que, para o illudirem como se illudem pretos, com pannos de vistosas cores, visitas pomposas e festas, o enganam, rindo-se da sua miseria e da sua ignorancia.

Agora, que tanto se fala na Inglaterra, os nossos homens publicos poderiam perguntar aos estadistas ingleses porque a Inglaterra triumphou. E todos lhes responderiam que a Inglaterra triumphou porque n'aquelle paiz se trata de educar o povo. Porque na Inglaterra se combate o analphabetismo, enquanto que em Portugal se insiste em manter o povo ignorante..

RUSTICUS.

A estrada da Gafanha

Sob outra epigraphe, mas alludindo ao mesmo assumpto que vamos tratar em seguida, este jornal referiu-se ha tempo, em termos energicos, á impericia, ou estupidéz com que são tratadas as arvores das orlas da estrada que liga esta cidade com a Barra.

O desregramento continuou e continúa, e extranhámos por isso que até hoje o poderes officiaes não tenham impedido a selvageria, deixando estragar uma das principais bellezas da encantadora estrada da Gafanha, que é um dos passeios obrigados dos *touristes* que visitam esta cidade.

Quem conheceu ha cerca de 10 annos aquella pittoresca avenida, margemada de frondosas tamargueiras formando um quasi ininterrupto docel a convergir para os passeios, mal disfarça hoje a mais desconsoladora impressão ao ver as miserias arvores, desfraçadas a esmo, sem methodo, sem sciencia, parecendo sentinellas perdidas n'um deserto.

Temos visto muitas vezes os subordinados do sr. Manuel Maria Amador, chefe da conservação, cortando a machado e á foice as vergontas do arvoredor, a titulo de melhorar as condições estheticas da semceremonia com que se consentia ou se auctorisava semelhante obra.

Ao sr. director das obras publicas, que decerto ignora estes vandalismos, pedimos que interponha os seus bons officios para proteger os renques de vegetação que tornavam d'antes a estrada da Gafanha uma das mais apraziveis bellezas d'esta cidade. Mas não deve demorar as providencias, aliás talvez não encontre a breve trecho, quem socorra.

Representação

Os habitantes da freguezia de EiroI, representaram ao sr. Bispo-Conde, contra o parochio da sua freguezia, por abusos por este praticados—diz uma folha local. EiroI é um pequeno logarejo

suburbano d'Aveiro e onde o fanatismo religioso impéra ainda sob ranamente.

Por que viriam então elles queixar-se do seu pastor?

Que motivos teriam aquellas ovelhas para assim se tresmalharem do curral?

Naturalmente os mesmos que tem uma grande parte dos povos, inclusive o de Aveiro.

E' que alguns clerigos estão dando exemplos de *canhão grosso* e de relaxada immoralidade. Colhemol-os de ha muito e sabemos bem avaliar onde chegam os seus atrevidos descaramentos.

E o povo ha de por fim abrir os olhos; e o povo ha de ver bem á luz do sol, da razão e da consciencia, para os vergalhar d'uma vez com o chicote da ignominia e do desprezo de que se estão tornando credores.

N'um logar, não muito distante d'aquelle, tambem um *manso continuador das doutrinas de Christo*, houve por bem, servindo-se da amizade que lhe dispensava um individuo qualquer, abusar escandalosamente da sua mulher, a ponto dos seus freguezes lhe que- rerem por vezes minosear as costellas á vergalhada.

E como estes muitos. Nós tambem por cá os temos de bico amarello e de pata redonda que, em logar de tratarem do cargo inherente á sua posição, vivem ali de insultar infamemente toda a gente que lhes não agrada.

Mas não ficam só por aqui as suas proezas; sôbem de ponto até tocarem as raizs do escandalo e do relaxe. O que vale é que todos já os conhecem; toda a gente se desvia d'elles como de animaes damninhos e perigosos que vivem unicamente por escarneo no meio da sociedade.

O PORTO

Com este titulo começou a publicar-se no Porto mais um diario da tarde, independente, politico, noticioso e litterario, de que é proprietario e director politico o vigoroso escriptor sr. Adriano Leal, muito conhecido no mundo jornalístico.

Longa e prospera vida é o que sinceramente desejamos ao novel collega.

A humanidade não pôde chegar á liberdade senão por uma cultura do espirito, e a esta pela liberdade.

RICHTER.

E que tal?

A pacificação do Barú custou ao paiz a bagatella de 300 contos.

Pois a continuarem as coisas como até aqui, não é para admirar que tenhamos de gastar outros 300 contos para nova pacificação. Um sargento do exercito matou um preto no forte *João Coutinho*, motivo porque a população negra se refugiou toda para o interior, com medo de novas carnificinas.

Dizem que se vae proceder a um inquerito, para avaliar os motivos de tal morte, e bom será que seja severamente punido o criminoso, caso se apure que houve assassinato sem legitima defeza, para que se não consinta que se faça da raça preta, que tem tanto direiro á vida e a ser livre como nós, um rebanho de maucas ovelhas, promptas para serem sacrificadas.

Communhão aos presos

Quarta-feira, há, como do costume, communhão aos presos nas salas do tribunal d'esta comarca.

Está a cargo do sr. Augusto José de Carvalho a ornamentação da casa, no que elle costuma empregar a sua boa vontade, não se poupando a despesas nem cancelas.

Nesse dia tambem o sr. delegado do procurador régio, dará, á sua custa, um jantar aos referidos presos.

A NOSSA CARTEIRA

Regressou já da sua casa de Villa Verde o sr. dr. João Soares Feyer d'Azavedo, diguo secretario geral do districto.

Está n'esta cidade o sr. dr. Joaquim Rodrigues d'Almeida.

Tambem esteve em Aveiro o sr. Manuel Maria Amador, zeloso chefe de conservação das obras publicas do districto.

— O' Polycarpo, tu tambem vaes a Lisboa?

— Eu vou, com aquelles que cá ficam.

— Pois não sabes o que perdes, homem! Aquillo por lá vao ser um céu aberto estes dias.

— Bem sei, bem sei; o peor é que o meu dinheiro quasi que nem para a decima chega, quanto mais para ver festanças em Lisboa.

— Pois eu é que não quero saber d'essas *trêtas*. Resolvi lá ir e não mudo de opinião, apesar de ter mais encargos na vida do que tu.

— Isso, agora, é que não pôde ser. Se tu tivesses sobre os hombros o pezado encargo de sustentar mulher e filhos, pagar decimas, renda de casa e outras mais coisas indispensaveis e de primeira necessidade, com certeza que te não lembrarias de ir a Lisboa desperdiçar aquillo com que te remarias por algum lado.

— Qual quê?! D'isso tudo e muito mais tenho eu tambem; mas leve o diabo *tres pretos* se a gente não ha de gosar tambem alguma coisinha. Tu não vez a nação a *cahir* de empenhada, e não reparas o quanto dóe a cabeça a quem nos... governa? Não vez as viagens régias a Paris, a Londres, a Jerusalem, ao diabo a quatro, e isto tão *depenadinho* que até mandaram suspender os trabalhos do Estado para com os magros reaes que os operarios haviam de auferir e matar a fome aos famintos filhos, pagarem as despesas da recepção de sua magestade o rei d'Inglaterra? Pois eu tambem faço o mesmo. O exemplo parte de cima. Não paguei ainda as meias sollas que ha um mez mandei botar ao sapateiro; ainda está por pagar esta roupa que mandei fazer ha dois annos ao alfaiate; tenho seis mezes de atraso no pagamento da renda da casa, mas em vista do régabofe que eu vejo lá por cima, leve o diabo paixões e vamos tambem á festinha do rei, Eduardo. E ao mesmo tempo não quebramos a tradição de povo festeiro como em todo o mundo sómos conhecidos.

— Parece que tens razão, homem. Esta vida deve-se levar a rir, embora nós, a mulher e os filhos, morramos de fome e de frio d'encontro a uma esquina. Vamos, pois, para Lisboa, e cantaremos juntos:

Viva a folia,
Dançar dançar,
Haja alegria
A' beira-mar.

— E se não, que o diga o *Chica*.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, da 1 ás 3 da tarde, no Jardim Publico, é o seguinte:

1.ª PARTE

Ordinario.
El Cabo Primeiro (Zarzuella).

Phantasia da opera Tosca.

2.ª PARTE

Moraima (capriccio).

Moréna, walsa.

Passagem de Regimento.

Os triumphos da violencia são ephemeros; os da bondade perduram indefinitamente.

WANG.

CHRONICA

A FEIRA DE MARÇO

Em plena Feira de Março!
O constante rodar das carruagens, o tropear estrepitoso dos cavallos e o imenso borborinho do povo, como que, transportando-nos á beira de um agitado oceano, bramado e ululando ferozmente.

Arriçamo-nos, por vezes, a atravessar esta ultima e formidavel molle humana, exprimido e acetovellado a cada passo, mas experimentando sempre, novos e variadas sensações.

Aqui, é uma creança trepando ás saias da mamã e berrando com toda a força dos seus pequeninos pulmões que lhe comprem uma boneca; ali, é uma outra a choramingar para que lhe comprem uma gaitinha; a seguir, uma esposa em extremo arrelhada, encrepa publicamente o marido pela sua sovínice na compra d'um lenço de seda ou n'um chaile de merino, e por ahí adeante um nunca acabar de supplicas, umas amorosas, outras á outrance Isto no meio da gritaria infernal dos apregoadores de caramillos, dos rifadores de objectos de vidro, dos vendedores de bollas d'elastico, de gaitinhas de gutta-perche, de fantoches de panno e de toda essa enorme trapalhada que enthusiasma e seduz a petiscada, mas o que nos faz inquestionavelmente dôres de cabeça pelas suas variadas e harmoniosas notas musicas.

Em dia sanctificado e ao domingo, porque á semana muda ella de aspecto e torna-se quasi monotona pela falta de concorrentes d'aldeia. E' n'estes dias que a população da cidade, desde a dama ou cavalheiro da mais fina *élite* até á mais simples sopeirinha, vai ali fazer os seus comprados, deixando em mãos indigenas ou *tripeiras* as economias de um anno inteiro.

Entretanto, uma grande falta se faz sentir este anno na Feira de Março. E' que o *Dalot*, a popular e conhecida companhia de que actualmente é director o divertido comico Domingos, não nos quiz visitar d'esta vez.

Ainda se fallou aki na vinda do actor Oliveira, que tomou conta da *outra metade*; mas o certo é que nem um nem outro se dignaram visitar-nos. E nós que estavamos tão acostumadinhos a ouvir annualmente a *belia piadinha* dos engraçados espectadores do barracão!! Valha-nos Deus com tal pirraça que nos pregaram.

Ha quem avenge, (mas nós não acreditamos) que o Domingos se desgostou muito com o constante *pé d'alferes* que faziam ás suas coristas, os *galans* da patria dos ovos moles, motivo porque ellas muitas vezes metiam os *pés pelas mãos*, no palco, e pregavam a sua filha nos côros, quando gargantavam o *Moleiro d'Alcalá* ou a *Mascotte*. Se assim é, não se as-

sustê o Domingos e venha para o anno por ahí fóra, porque os conquistadores do barracão vão ser todos metidos n'um convento. Olhe que Feira de Março sem *Dalot*, é o mesmo que o *Dalot* sem Domingos; percebeu?

O Cadete, cá da casa, é o diabo não é homem. Em lhe dando para embirrar para um lado, não ha forças humanas que sejam capaz de o desviar para outro. Por exemplo: na nossa ultima chronica, descrevemos uma viagem que fizemos ao inferno, as peripecias que se deram no trajecto e o que por lá presenciámos também. E tudo ia correndo no melhor dos mundos possíveis, até ao ponto em que o diabo mór das profundas, nos ia denunciar, finalmente, o seu amado e apreciavel amigo, a quem tantos favores devia quando, por um infeliz acaso, pespegámos um valente murro n'um olho de Ambrosio.

N'este momento, o meu amigo, justamente maguado e com a violencia da dôr, grita desesperadamente: — *Chiqua... com seis centos diabos que me ias tirando um olho fóra.*

Pois o bom do Cadete nem á mão de Deus Padre assim o quiz comprehender, e, desligando a phrase do *diabo-mór* á do meu amigo Ambrosio, com pôz a exclamação de fórma que deixou *azabumbado* o leitor que a lêu. E' o diabo não é homem, repetimos. Ainda assim, levantamos graças ao céu por lhe não dar na cabeça para estender o pomposo nome até á *Purificação do Carmo, Arreventa, etc., etc., etc.*

Tento, tento amigo Cadete; olhe que a neve já é seu hospede.

CESAR AUGUSTO.

A banda de infantaria 31

Lê-se na *Soberania do Povo*, d'Aguedá, o seguinte a respeito da banda do 24:

«Esta reputada banda, tão habil quanto distinctamente regida pelo sr. Joaquim Alves Ferreira,—que tem tanto de sympathico como de talentoso e modesto—que veio aqui no domingo assistir á procissão dos Passos, executou na praça do Conselheiro Albano de Mello, ao chegar, tres peças musicas, que a todos os que o ouviram deixou verdadeiramente maravilhados.—tal a sua harmonia, tal a sua escolha, tal o mimo na sua execução. As peças escolhidas foram:—*Sobre as aguas do Tejo*, phantasia da *Tosca* e *A passagem do regimento*. No percurso da procissão executou tambem a mesma banda, e com equal mestria, diversas marchas funebres.

E', pois, digno dos maiores elogios o sr. Alves Ferreira, pela maneira brilhantissima como apresenta em toda a parte a banda de infantaria 24, em que a sua habil batuta tantos prodigios tem operado, e sempre com louvor.»

dar medicina a Coimbra, porque lhe era já pesada a ociosidade e desvalia de sua vida. Francisco de Moraes, confiado na discipção do moço, concedeu-lhe licença. Heitor pediu que o deixasse levar com elle o seu irmãozinho Braz Luiz, para, desde os dez annos, o ir encaminhado nos estudos conducente á carreira da medicina. A generosa lembrança foi applaudida pelos velhos, e o pequeno agradeceu-a com lagrimas de alegria.

Do pupilo ou, segundo as presumpções do vulgo de Coimbra, filho do doutor Abreu, já ninguém se lembrava quando, corridos cinco annos, lá voltou. Heitor a ninguém disse de quem fosse aquelle menino. Apresentava-o como orphão pobrinho, cuja educação elle tomára a seu cargo. O pequeno já tambem mal se recordava dos seus benefiteiros, e quando fallava de algum d'elles, chamando-lhes pae ou mãe, o filho de Francisco de Moraes recommendava-lhe que a pessoas estranhas não dissesse nada do pouco de que ainda se lembrava. Heitor entrou no primeiro an-

Gatunice d'escola

Um pobre homem da Gafanha tem ha annos em Loanda um afilhado, a quem dedica extrema afeição. Creára-o desde pequeno, e ao partir para a Africa, o rapaz promettera ao padrinho escrever-lhe amudadas vezes. As cartas que vinham chegando eram para o pobre velho de algum lenitivo ás saudades que cá o deixaram amargurado.

O rapaz faz parte da guarnição militar d'aquella cidade, e ha tempo, succumbindo á nostalgia da patria, escreveu ao padrinho queixando-se-lhe amargamente e pedindo-lhe dinheiro para conseguir baixa pela Junta e poder regressar á Gafanha.

O pedido foi logo satisfeito. Passados cerca de 30 dias depois da remessa do dinheiro, o velho recebeu de Lisboa a carta do afilhado, na qual lhe annunciava a sua chegada ao Lazareto, e lhe pedia ao mesmo tempo mais dinheiro para necessidades urgentes, e especialmente para comprar um fato novo.

O padrinho, alvoroçado de alegria, correu a enviar-lhe mais 12000 réis, que era quanto lhe pedia, e ficou esperando, n'uma anciedade facil de imaginar.

E está ainda esperando, o pobre homem, mas é que a policia descobriu o espertalhão que lhe apanhou o dinheiro.

O padrinho, farto de esperar pelo afilhado, e desconfiando da demora, caíra em fundas cogitações, vindo a concluir que tinha sido burlado, depois de que participou o caso á policia. O facto da burla mais se confirmou pouco depois, em que o verdadeiro afilhado escreveu de Loanda.

Cotejando factos, parece chegar-se á conclusão de que o gatuno é militar, e era em Loanda secretario do rapaz, que é analfabeto: senhor da correspondencia, e regressando ao reino, teve facilidade de intrujar o velhote, que já perdeu a esperanza de receber o seu dinheiro.

Exposição portugueza na Feira de Março

Tem sido muito concorrida e apreciada por todas as classes sociaes d'esta cidade, a magnifica *Exposição portugueza*, que se acha installada no largo da Feira de Março, propriedade do sr. J. J. Gonçalves.

Quem fór ali pela primeira vez, fica com vontade de lá voltar todos os dias, tal é a ultima maravilha do seculo. O espectador é transportado momentaneamente a paizes encantadores, que a sua imaginação nunca pode attingir.

E', realmente, um dos melhores passatempos que este anno ali temos na feira, pois que, pela modica quantia do 40 réis, vê-se todos os dias *clichés* novos.

no da faculdade em artes, depois de ter sido examinado em humanidades. N'este exame, em coisas de grammatica, sciencia que então reúnem muitas especies hoje distinctas, o hebreu de Villa Flôr, mais desconfiada que intencionalmente, defendeu proposições que destoaram assperrimentamente nas orelhas orthodoxas dos examinadores. Sem embargo, deram-n'o como apto, reservado mentalmente o espíarem-lhe os actos com a vigilancia propria de quem quer salvar uma alma em risco de perder-se.

Braz Luiz entrou no collegio de S. Paulo a estudar latinidade com precoce e admiravel entendimento. Causou certo assombro nos frades que liam no collegio a ignorancia do moço em doutrina christã, interrogaram-no minudenciosamente sobre o viver da familia que o educára. Braz respondia que os seus benefiteiros resavam, e elle tambem resava por um livrinho de orações. Apresentaram-lhe diversos livros de piedade para que d'entre elles escolhesse o da sua resaca. O pequeno sentiu um bate no coração, comprehendeu instantanea-

Recrêlo Artístico

A direcção da *Sociedade Recrêlo Artístico* agradece, penhoradissima, aos cavalheiros que, por occasião da inauguração do seu 7.º anniversario, se dignaram dispensar-lhe vasos com plantas, estatuetas, etc., para embelezamento das salas, escadaria e respectivo atrio.

Não foi o sr. José de Pinho, como um jornal da terra fez vêr, quem executou e dirigiu as decorações das salas da mesma Sociedade, mas sim os srs. José Maria Paulino, José Marques Sobreiro e Licinio da Silva.

A Cesar o que é de Cesar.

—Nós passamos a vida em actos successivos, mas quasi imperceptivelmente por tres zonas diversas. A torrida é a nossa adolescencia, a temperada é a viril, a glacial é a nossa velhice.

Club «Mario Duarte»

Na casa da rua Direita, onde esteve alguns annos a secção da guarda fiscal e de que é proprietario o sr. Jacintho Agapito Rebocho, foi installada a sede d'uma nova sociedade que denominaram *Club Mario Duarte*, em homenagem ao distincto *sportman* que tão vivas saudades deixou em Aveiro.

Procedendo-se ultimamente á eleição dos corpos gerentes recalcaram esses cargos nos seguintes senhores:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente—José da Fonseca Prat.
Secretarios—José Lopes do Casal Moreira e Firmino Paes.

DIRECCÃO

Presidente—Joaquim Ferreira Réz.
Secretario—Arnaldo Ribeiro.
Thesoureiro—J. Ferreira Felix.
Vogaes—João Augusto Mendonça Barreto e Jorge Mascarenhas.

Theatro Universal

Tem decorrido bastante animados os espectaculos dados ultimamente n'este theatro, que se acha situado no largo do Rocio. Todos os dias tem-se representado variadas comedias, monologos e cançonetas que tem agradado a todas as pessoas que frequentam esta casa de espectaculos.

Tambem tem apresentado novos trabalhos de optica, physica e illusionismo a sympathica prestidigitadora sr.ª Maria José Gomes, pelo que tem sido calorosamente applaudida.

Consta-nos que brevemente sobe á scena n'este theatro, o lindo drama em 3 actos, *O Conde mnado*, no qual tomam parte alguns amadores dramaticos d'esta cidade, além dos artistas da companhia, pelo que é de esperar uma casa cheia.

mente o perigoso d'aquelle interrogatorio, e sahio-se bem do aperto, indicando o cathecismo de fr. Bartholomen dos Martyres. Poucos dias volvidos, Braz Luiz papagueava toda a doutrina, dando a entender que apenas lhe fóra necessario recordar o que sabia desde a primeira infancia. Esta experteza não enganou os mestres. Os primeiros fios da teia entraram logo em urdidura; e já as inquietas consciencias dos frades não levavam as noites d'um somno.

No entanto, Heitor levou a cabo, com muita applicação e extremo engenho o seu primeiro anno. Foi a férias, levou consigo Braz Luiz, e contou ao pae a inquirição por que passára o menino sobre o cathecismo christão. Francisco de Moraes agourou mal d'este exame, e pediu ao filho que, em vez de voltar a Coimbra, se passasse a Hollanda. Heitor Dias enge-nhou razões para combater os sustos do pae, e voltou ao segundo anno de medicina, levando Braz ao segundo anno de latin.

(Continúa.)

SEMANA SANTA

Um nosso assignante pedenos a publicação do seguinte:

DOMINGO DE RAMOS

De manhã, benção de ramos, missa e Paixão.

QUARTA-FEIRA

De manhã, Senhor aos enfermos nas duas freguezias. De tarde, officio de trévas nas mesmas freguezias.

QUINTA-FEIRA SANTA

De manhã, exposição do Santissimo nos templos da Apresentação, Misericordia, Carmelitas, Jesus e Gloria. N'este dia está aberto ao publico o edificio do hospital. De tarde, visitaçào ás mesmas igrejas pelas irmandades da cidade. A's 4 horas sahem do templo da Misericordia em procissão as imagens do Senhor *Ecce Homo* e Senhora da Soledade. A' noite, officio de trévas nas igrejas da Apresentação, Carmelitas, Jesus e Gloria.

SEXTA-FEIRA SANTA

De manhã, Paixão nas igrejas da Apresentação, Carmelitas, Jesus e Gloria. De tarde, procissão do Entero, sahindo da igreja da Ordem Terceira e recolhendo á do Carmo. Em seguida sermão pelo revd.º sr. Bruno Monteiro Telles dos Santos. Acompanhará a procissão toda a força disponível de infantaria 24 e cavallaria 7, as autoridades civis, militares, ecclesiasticas, assim como todas as irmandades da cidade. Esta procissão é feita a expensas da irmandade da Vera-Cruz. A' noite, officio de trévas, sermão da Soledade nas igrejas da Apresentação e Gloria, sendo oradores na Apresentação o revd.º sr. Bruno Telles, e na Gloria o revd.º sr. Antonio Duarte e Silva.

SABBADO D'ALLELUIA

De manhã, benção do lume novo e agua benta. Em seguida missa de Gloria. De tarde, salvé a Nossa Senhora.

DOMINGO DE PASCHOA

De manhã, procissão nas duas freguezias, percorrendo o itinerario dos annos anteriores. Em seguida missa a grande instrumental nos templos da Apresentação e Gloria.

Nestas solemnidades tomam parte, na Apresentação a orchestra da capella do sr. padre Jorge de Pinho Viagre, e na Gloria a do sr. João Pinto de Miranda.

As decorações dos templos estão a cargo, a da Apresentação, do sr. Francisco Maria de Carvalho Branco, e da Gloria, do sr. José Maria de Carvalho Branco.

Chegaram na quinta-feira a Aveiro, 181 praças de infantaria 18, que vieram reforçar o regimento de infantaria 24 aqui aquartelado. Os soldados, n'esse dia, percorreram quantas ruas e beccos tem a cidade.

A verdadeira prudencia consiste em falar pouco e em desconfiar mais de si que dos outros, e nunca em falar mentindo ou proceder desairosamente. Uma conducta recta e uma probidade indiscutivel grangeiam mais estima e confiança publica que todo qualquer outro meio pouco licito.

FÉNELON.

Como este ha muitos

Um individuo, lia n'um estabelecimento qualquer, uma bella producção litteraria d'um nosso insigne poeta.

—Que porcaria, disse um agnatico ouvinte, ao ir ainda a leitura em meio.

Finda que foi esta, foi lido, o nome do auctor—Guerra Junqueiro.

Imagem a cara com que ficou o parvajolla do *criti cão*.

E pegando tambem por sua vez na referida obra, leu-a em voz alta e distinctamente.

—Ora vejam, diz elle por fim, a differença que faz o lêr para ouvir lêr.

E assim completou a iniciada asneira.

Como este ha muitos.

FOLHETIM

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

III

O fardo das bestas-féras

Por espaço de quatro annos se gosou Heitor Dias das doces reminiscencias de infancia, sem querer saber de estudos nem do destino. Os paes não o incitavam a empregar seu tempo em letras que lhe abrissem carreira de gloria. Fechara sabiam elles que ella estava aos hebreus, salvo a das sciencias; folgariam de o vêr luzir entre os famigerados *Zacutos*; mas muitos mais se compraziam de o ter entre si a recado do toda a suspeita de inimigos e do perigo de se relacionar com imprudentes amigos.

Decorridos, porém, quatro annos, em 1703, Heitor Dias da Paz pediu ao pae que o deixasse ir estu-

Cura do rheumatismo

O linimento anti-rheumatico de Miranda, é o melhor remedio até hoje conhecido para a cura d'esta doença.

Envia-se pelo correio para todas as terras.

Preço do frasco 500 réis. Pelo correio 550 réis.

Deposito pharmacia Miranda

RIO TINTO

VENDA DE CASA

Vende-se um predio de casas altas na rua de Jesus e em frente á igreja do Convento.

Tem um pequeno pateo e sahida para a rua do Rato.

Trata-se na rua Direita, n.º 43 a 45.

LANDEAU

VENDE-SE um quasi novo. Nesta typographia se diz.

Vinho puro de Bucellas

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADOES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobrejo (Luz. Cam.)

VENDAS SO A DINHEIRO

Preços fixos

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Lonças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flóres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MINERVA

N'esta typographia compra-se uma de pequeno formato, em segunda mão.

Escrever carta mencionando preço.

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA

De 1820

Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanais de 32 paginas, a fim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas 60 réis Cada vol. brochado..... 1:500 » Obra completa (4 vols) 6:000 »

A assignatura por fasciculos pode ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Nello Guimarães.

BOAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1 vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthel.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 43 n 44

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra. Extrah, obtura, colhe, dent. e restaura. do conceto de dentaduras

R. DIREITA, 53, 1.º Aveiro

Cathecismo Moderno

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

4.ª venda na Livraria Elysio —Rua Formosa, 282, PORTO

COSINHA PORTUGUEZA

ARTE CULINARIA NACIONAL. COLLABORAÇÃO DE SENHORAS

(Productos reservados a um fim patriótico e piedoso)

2.ª edição, muito melhorada.

Contém:—Preliminares sobre Modo de bom viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuário; Preceitos diversos.

795 receitas, com as seguintes secções: Sopas e purés, 41; Legumes e hortaliças, 25; Carnes diversas, 100; Croquetes e almondegas, 15; Peixes diversos (receitas de bacalhau, 35), 91; Molhos diversos, 28; Massas e entre meios, 19; Pastéis, tórtas e empadas, 29; Ovos e omeletas, 27; Saladas diversas, 8; Doces de sobremesa, 203; Compotas e conservas, 54; Doces de chá, 155.—Total 795.

A venda unicamente na Imprensa Academica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas da sua importancia, que é:—Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650. Em formosa cartongem, 700. Idem 760 réis.

O DILUVIO

Grandioso romance histórico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolve-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as heróicas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA DO REPORTER

por JULIO VERNE

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DÁ ACREDITADA FABRICA

“PFAFF.”

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras. A machina «PFAFF» para alfaiates. A machina «PFAFF» para modistas. A machina «PFAFF» para sapateiros. A machina «PFAFF» para seleiros. A machina «PFAFF» para corrieiros. A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

- Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiais. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura. Conserta-se machinas de todos os systemas.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel do Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. É esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreecho e pela sua forma artistica, e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol. 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

A NOVA PHASE

do SOCIALISMO

por JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

A VEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79